

A SOCIOLOGIA POLÍTICA DE MAX WEBER NA INTERPRETAÇÃO DO NAZISMO

MAX WEBER'S POLITICAL SOCIOLOGY IN THE INTERPRETATION OF NAZISM

Lucas Cid **GIGANTE**

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, Brasil.

lucas.gigante@unifal-mg.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O objetivo deste texto é analisar alguns elementos da sociologia política de Weber, sob uma perspectiva conceitual e empírica, por intermédio de uma sociologia histórica da ascensão do Nazismo na Alemanha. Iniciando com escritos políticos de Weber sobre a unificação alemã, nosso destaque maior está voltado para os conceitos de dominação carismática e liderança carismática, recompondo-os em aproximação com elementos históricos da ascensão de Hitler e do Terceiro Reich. Guiando-nos por historiadores especialistas no Nazismo, nossa hipótese é a de que a sociologia da dominação e liderança carismática de Weber nos parece inteiramente adequada para compreender o papel específico de Hitler, particularmente aquele da natureza de seu poder diante da sociedade alemã. A pesquisa é orientada por uma questão metodológica, que pretende ir além do mero contexto histórico e operar uma autêntica passagem da ação social sob certas circunstâncias (generalização de conceitos pela sociologia do carisma) para o transcurso efetivamente dado pela ação, sob circunstâncias parecidas ou singulares (a ascensão do Nazismo), num exercício de adequação histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Max Weber. Dominação Carismática. Líder Carismático. Hitler. Terceiro Reich.

ABSTRACT

The purpose of this text is to analyze some elements of Weber's political sociology, from a conceptual and empirical perspective, through a historical sociology of the rise of Nazism in Germany. Starting with Weber's political writings on German unification, our main focus is on the concepts of charismatic domination and charismatic leadership, recomposing them in close proximity to historical elements of Hitler and the Third Reich's rise. Guided by Nazism expert historians, our hypothesis is that Weber's sociology of charismatic domination and leadership seems to us entirely adequate to understand Hitler's specific role, particularly that of the nature of his power in front of German society. The research is guided by a methodological question, which aims to go beyond the mere historical context and operate an authentic transition from social action under certain circumstances (generalization of concepts by the sociology of the charisma) to the course effectively given by action, under similar or singular circumstances (the rise of Nazism), in an exercise of historical adequacy.

KEYWORDS: Max Weber. Charismatic domination. Charismatic Leader. Hitler. Third Reich.

1 INTRODUÇÃO

Nossa abordagem da sociologia política de Weber é feita mediante a ligação entre os acontecimentos históricos, sua visão política ou de conjuntura e os estudos teóricos sistemáticos realizados, nos afastando de uma leitura exclusivamente imanente dos trabalhos. Na primeira parte do texto trabalhamos com dois escritos de conjuntura: “O Estado nacional e a política econômica” e “Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída”. Weber, vivendo na tensão após a Primeira Guerra e refletindo sobre o legado da unificação alemã, construiu um pensamento político e uma sociologia política atreladas a estas experiências, o que, por outro lado, permitiu que antevisse cenários potencialmente desastrosos; sua leitura da catástrofe que se seguiria após o fracasso parlamentar é muito razoável. Na segunda parte trabalhamos com escritos teóricos sistemáticos e com uma revisão de literatura, promovendo um delineamento do conceito de liderança e dominação carismáticas, pelo estudo de “Economia e sociedade”. Na terceira parte reconstituímos, com apoio em historiadores, um conjunto de experiências e circunstâncias condicionantes da ascensão de Hitler e do Terceiro Reich, utilizando o quadro teórico weberiano da dominação carismática e da liderança carismática.¹

Tal quadro é inteiramente adequado para compreender o papel específico de Hitler, particularmente a natureza de sua ação diante da sociedade alemã. Não se trata de superestimar seu poder ou sua figura, mas de compreender a natureza de suas ações. A contribuição de Weber no que se refere à dominação carismática é central para este efeito. Por outro lado, esperamos realizar uma contribuição teórica, pois a análise histórica que faremos permite um retorno à sociologia política de Weber, particularmente àquela da dominação carismática, permitindo uma resposta à pergunta a respeito de quais são os tipos de individualidades históricas para os quais ela é destinada. Poucos são os cenários históricos posteriores a Weber que demonstram tamanha adequação e poucos são os indivíduos que, como Hitler, incorporaram tamanhamente a figuração de um líder carismático, parecendo se confundir com os tipos ideais elaborados por Weber. Partamos dos escritos políticos de Weber, que apontam elementos da unificação alemã, o que nos permite datar nosso recorte inicial, que se inicia em 1885 e se encerra em 1930.

¹ A bibliografia sobre Nazismo, segundo Evans (2008), em meados de 2000, contava com aproximadamente 37 mil itens. Nossa revisão de literatura a este respeito recupera algumas referências mais recentes, como Evans (2008, 2011, 2014), Kershaw (2010) e Bernardo (2015), que permitem uma síntese mais ampla desta imensa bibliografia, remontando desde os trabalhos iniciais do pós-guerra, como os de Friedrich Meinecke, de 1946.

2 ESCRITOS POLÍTICOS

Em sua aula inaugural de *Freiburg*, realizada em 1885, “O Estado nacional e a política econômica”, Weber (1999) propôs uma tese pangermanista: o Estado alemão deveria fechar as fronteiras com o Leste para aplacar a imigração de poloneses, favorecendo assim uma composição social portadora da cultura do germanismo.² Há ali, por outro lado, uma preocupação com o vácuo de poder de um Estado conduzido por uma classe em declínio econômico (*Junkers*) ante a imaturidade política das classes que estavam no centro do processo econômico, a burguesia e o proletariado, o que nos faz lembrar a tese de Elias (1997, p. 323): “cientes de sua anterior fraqueza e nunca inteiramente seguros de sua força depois de 1871, os alemães eram propensos a colocar os aspectos de poder da política acima de todos os outros”. Tais preocupações se reforçam em “Parlamentarismo e governo numa Alemanha reordenada” (artigos publicados em 1917), dando mostra de uma teoria do Estado novamente articulada sobre o vácuo deixado pelo poder. Weber (1974) cria a expressão “o legado de Bismarck”, para se referir às consequências da unificação alemã:

Qual foi então o legado de Bismarck no que aqui nos interessa? Ele deixou atrás de si uma nação sem qualquer sofisticação política, bem abaixo do nível que, a este respeito, tinha alcançado vinte anos antes (isto é, em 1870). Principalmente, Bismarck deixou atrás de si uma nação sem qualquer vontade política própria, acostumada que estava à ideia de que o grande estadista ao leme tomaria as decisões políticas necessárias. Mais ainda, deixou atrás de si uma nação acostumada à tolerância fatalista de todas as decisões tomadas em nome do ‘governo monárquico’, porque ele tinha se servido dos sentimentos monárquicos como um pretexto para seus interesses de poder na luta dos partidos, uma nação despreparada

² Weber chegou a ser lido como um precursor do fascismo, como na tese de Ernst Nolte – “*Max Weber Von der Faschismus*”, citada por Mommsen (1984). O que contribuiu para tanto foi a ênfase no aspecto pessoal, carismático, como um elemento central da liderança política, o que criaria uma dificuldade de conciliação com os princípios do governo parlamentar, pelo menos no modelo inglês. Neste mesmo sentido, o conceito de carisma tornou-se desafortunado. Mommsen (1984) aponta que esta leitura se deve à ausência na obra weberiana de uma distinção do uso do conceito para líderes carismáticos democráticos ou fascistas, tendo o conceito sido aplicado para ambos, bem como para lideranças externas à esfera política. Na verdade, o conceito é bem mais amplo que isso, como veremos. Boa dose de desonestidade intelectual associa Weber como elaborador de uma teoria profascista. Ao contrário, é mais verossímil que ele desejaria ser um inglês, como colocou Roth (1993). Sua orientação de reordenação da Alemanha era anglo-americana, como afirma Schluchter (2017, p. 219), “construída sobre uma combinação de parlamentarização, carismatização e burocratização do processo político”. Seu ideal era o do governo plebiscitário-representativo, defendendo “um âmbito institucional ao carisma político” (Ibid., p. 220). Neste sentido, a *Führerdemokratie* “consistiria em uma combinação do princípio democrático próprio do estado de direito e um princípio democrático caracterizado como carismático” (Ibid., p. 213). Este é o sentido da distinção operada por Weber entre uma dominação carismática não autoritária (plebiscitária) e uma dominação carismática autoritária. Para a primeira, teria que valer o modelo de destituição do primeiro-ministro inglês. Tal é a frente liberal de Weber, aspecto de maior relevo nesta fase final de sua vida, fazendo do pangermanismo inicial uma colocação mais pontual.

para considerar criticamente as qualificações daqueles que se assentaram em sua cadeira vazia e com surpreendente falta de constrangimento tomaram as rédeas do poder em suas mãos. Neste particular, decididamente, consumou-se o grave malefício. O grande estadista não deixou nenhuma tradição política. Ele não atraía e nem mesmo tolerava cabeças independentemente políticas, para não mencionar personalidades fortes politicamente. [...]. Um parlamento completamente impotente foi o resultado puramente negativo de seu tremendo prestígio. [...]. O nível do parlamento depende da condição de que este não simplesmente debata grandes questões, mas de que as influencie decisivamente; em outras palavras, sua qualidade depende da seguinte alternativa: o que ocorre no parlamento tem realmente importância ou o parlamento não passa do carimbo involuntariamente tolerado de uma burocracia dominante.³ (WEBER, 1974, p. 20-21)

A tese dos escritos é a de que se a reconstrução parlamentar falhasse, teriam que ser abandonadas as esperanças sobre o futuro da Alemanha, pois o poderio da burocracia somente poderia ser dirigido pelo poder político e este dependeria do nível do parlamento⁴, da possibilidade deste influenciar decisivamente as questões. O “legado de Bismarck” possui conexão com a história de constituição de um *habitus*, como colocada por Elias (1997, p. 302), que aponta a gênese de um “hábito de ser governado desde cima; ideia de que uma pessoa podia apoiar-se numa autoridade superior e confiar-lhe a responsabilidade e o poder de comando”. Tais dimensões possuem semelhança no traço conceitual weberiano de uma *Führerdemokratie* – ou “democracia dotada de liderança”, o que demarca o processo de sufrágio conduzido por líderes, ante o predomínio irracional das massas⁵, concepção que coloca Weber erroneamente como um precursor da teoria das elites, mais diretamente devido à sua ligação com Robert Michels. A leitura de “Parlamentarismo e governo” permite observar a preocupação com a ascensão descontrolada de lideranças carismáticas apoiadas no irracionalismo.

Pois não é a ‘massa’ politicamente passiva que produz o líder de seu meio, mas é o líder político quem recruta seus seguidores e conquista a massa pela ‘demagogia’. [...] Por sua vez, entretanto, a sólida organização do partido, e, principalmente, a necessidade que o líder tem de treinar e demonstrar seu valor através da participação convencionalmente preceituada em trabalho de comissão parlamentar, são uma questão, digo,

³ Weber salienta mais adiante que o interesse de todo *big business* se dirige ao apoio sem restrições à conservação de uma burocracia não supervisionada, impondo poderosos interesses materiais em benefícios, unidos às explorações capitalistas das ligações (1974, p. 58).

⁴ Bismarck fundou o *Reich* como uma federação das dinastias reinantes representadas no *Bundesrat* (o conselho federal). O *Reichstag* (Parlamento) possuía apenas poderes deliberativos e orçamentários e nenhum controle sobre o governo federal.

⁵ Posteriormente, esta mesma concepção amorfa e irracional das massas surgiria como explicação do Nazismo como uma sociedade totalitária, como colocado por Hannah Arendt em “As origens do totalitarismo”. Para tanto, ver Bernardo (2015).

[de] garantia satisfatória de que esses depositários cesaristas das massas respeitem os acordos constitucionalmente estabelecidos e de que não sejam selecionados de acordo com um critério puramente emocional, isto é, simplesmente segundo qualidades demagógicas no sentido negativo da palavra. [...] O perigo político da demagogia de massas para o Estado jaz primeiramente na possibilidade de elementos emocionais virem a predominar na política. [...] A massa [...] só é capaz de pensar a curto prazo. Pois [...] ela está sempre exposta a influências diretas puramente emocionais e irracionais. (WEBER, 1974, p. 87-8)

A preocupação de Weber, de que não haveria futuro para a Alemanha se não houvesse uma reordenação do parlamento, nos parece decisiva como diagnóstico histórico do período de 1920 a 1933. Houve não apenas a manutenção de um *Reichstag* (parlamento) instável, negativo e sem poder, mas a ascensão de processos irracionais capitaneados pela extrema direita.⁶

3 DOMINAÇÃO, LEGITIMAÇÃO E LIDERANÇAS CARISMÁTICAS

Iniciemos com uma rápida revisão de literatura. Tragtenberg (2001, p. XVI) aponta a antinomia entre burocracia e carisma, a primeira implicando a rotina e estabilidade, a obediência às regras e ao estatuído, enquanto que o carisma “significa a irrupção violenta de personalidades ‘exemplares’ que se julgam portadoras de uma missão de salvação”. Opera-se um primeiro dualismo no conceito, entre o racional e o irracional. O carisma é irracional. Por sua vez, Sell (2018) aponta a dupla dimensão do carisma, ora como poder instituído ou como poder subversivo, um tema inacabado por Weber, que remete a uma teoria da revolução, nunca escrita. No que nos importa, o carisma é uma potência revolucionária do poder instituído, muito embora requeira cotidianidade e institucionalidade, quando se transmite e, com isso, dissolve-se nas duas outras formas de dominação. Sell ainda aponta a origem teológica do conceito e sua organização entre o dualismo racional e irracional já apontado, acrescentando outro, entre cotidiano e extracotidiano. O carisma é extracotidiano. Além disso, do ponto de vista sociológico, “o problema fundamental posto por Weber não consiste em elucidar a ‘liderança carismática’, mas a *relação carismática*, a qual é apenas uma pré-condição para

⁶ Após o NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) obter a chancelaria pelo ultimato e pela confiança dos partidos conservadores, o *Reichstag* seria convocado como mero instrumento de referendo e propaganda das decisões tomadas pelo chanceler, um ambiente de aclamação, sem qualquer função além disso. Contexto ou ambiente de crise: tal é o elemento histórico de adequação para a sociologia da dominação e liderança carismática de Weber, como veremos.

nos alçar a uma questão que a ultrapassa: *a dominação carismática*” (SELL, 2018, p. 01, destaques do autor). Ringer (2004, p. 186) aponta que o conceito de carisma foi inspirado pelos estudos dos conceitos cristãos realizados por Rudolf Sohm, resultando na definição weberiana do carisma como uma “qualidade da personalidade considerada como extraordinária (*eine als ausseralltäglich geltende Qualität*). Esta qualidade consiste numa presença supernatural ou super-humana e este enviado de Deus que a possui é estimado como líder”.⁷ Sinônimo de extracotidiano, o carisma é extraordinário, supernatural ou sobrenatural e super-humano. Tendo em vista as outras dicotomias apresentadas, esta proteção da racionalização apresenta-se de fora para dentro, controlando assim um poder que nasce de dentro para fora (carisma). Vale sublinhar: o carisma nasce de dentro para fora, como aponta Bendix (1986) de uma forma mais simples:⁸

Como a liderança carismática ocorre com mais frequência nas emergências, é associada com uma excitação coletiva com a qual as massas reagem a alguma experiência extraordinária e em virtude da qual elas se rendem a um líder heroico. Por isso a liderança carismática se aproxima de seu ‘tipo puro’ apenas na época de sua origem, em contraste com as duas outras estruturas mais duráveis [tradicional e racional]. O líder carismático é sempre um radical que desafia o costume estabelecido, indo ao ‘âmago da questão’. Ele domina os homens em virtude de qualidades inacessíveis a outros e incompatíveis com as normas do pensamento e ação que governam a vida cotidiana. As pessoas se rendem a esses líderes porque se deixam levar por uma crença nas manifestações que os autenticam. Elas se afastam das regras estabelecidas e se submetem à ordem inédita que o líder proclama. Desse modo, a liderança carismática efetua uma revolução ‘interna’ da experiência, em contraste com a revolução ‘externa’ que ocorre quando, por exemplo, as pessoas se adaptam a uma mudança importante nas normas legais sem, ao mesmo tempo, internalizarem as ideias que estão por trás da mesma. Em sua forma ‘pura’, a liderança carismática envolve um grau de compromisso por parte dos discípulos sem paralelo nos outros tipos de dominação. (BENDIX, 1986, p. 238)

Tendo isso em vista, olhando para o sujeito agente, o carisma nasce de dentro para fora e não de fora para dentro, como parece ser o curso das outras formas de dominação – a força da tradição e da institucionalidade racional legal. Como veremos,

⁷ O autor também destaca que em sua análise da autoridade carismática, Weber postulou uma interpretação antiautoritária no que se refere ao fenômeno da democracia plebiscitária. Neste curso, a ascensão de um líder carismático teria que ser “racionalizada e, portanto, transformada, por uma circunscrição democrática” (RINGER, 2004, p. 190). E de fato teria que ser assim, para se considerar lideranças carismáticas em processos plebiscitários e democráticos: elas teriam que se racionalizar segundo regras instituídas (racionalidade formal), para o carisma ser domesticado pela burocracia.

⁸ Isso ficará claro nos passos seguintes, mas, basicamente, a orientação “de dentro para fora” do carisma significa um processo de conversão ou metanóia, no qual aspectos das orientações de mundo são requalificados e reordenados pelo líder, que se aproveita deles dando uma direção.

esta é a dimensão que aponta a força revolucionária ou subversiva do carisma. Porém, para chegar a ela (tendo atravessado este debate entre os comentaristas) nos voltaremos para o próprio Weber, numa análise rápida de “Economia e Sociedade”. Certa repetição estará implicada na exposição. Weber define

“Carisma” como uma qualidade pessoal considerada extracotidiana [*außeralltäglich*] [...] e em virtude da qual se atribuem a uma personalidade [*Persönlichkeit*] poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos, ou, pelo menos, extracotidianos não acessíveis a todos ou então se a toma como enviada por Deus [*gottgesandt*], ou como exemplar e, portanto, como ‘líder’. O modo ‘objetivamente’ correto como esta teria de ser avaliada, a partir de algum ponto de vista ético, estético ou outro qualquer, é completamente indiferente ao conceito: o que importa é como de fato ela é realmente avaliada pelos carismaticamente dominados – os seguidores [*Anhängern*] (WEBER, 1980, p. 140, inserções nos colchetes são nossas).

Como atração de “adeptos ou seguidores”, trata-se de uma “associação de dominação com teor comunitário”, *Herrschaftsverband Gemeinde*, (Ibid., p. 141). Como ação afetiva, Weber a define como uma “relação comunitária emocional”, *emotionale Vergemeinschaftung*, (Ibid., p. 141). Consequentemente, o quadro administrativo “não é um grupo de ‘funcionários profissionais’. [...] Nem é selecionado segundo critérios de dependência pessoal, mas segundo qualidades ‘carismáticas’ [...] apenas nomeação segundo a inspiração do líder”. (Ibid., p. 141). É importante comentarmos o termo *Anhängern* (“seguidores ou adeptos”). Ele permite precisar o fundamento da obediência e do teor de legitimidade nela presente. Em todas as formas de dominação, o sujeito agente poderá aparecer como dominado: aquele que aceita a obediência (mesmo que não o saiba), sob fundamentos diferentes, como, por exemplo, a confiança na legalidade (racional legal), a devoção aos costumes ou piedade filial (tradicional) ou como um adepto ou seguidor de um líder (carismática). Esse é o traço mais preciso aberto pelo termo *Anhängern*, como formação de um círculo de seguidores; forma-se uma relação social comunitária, como uma comunidade emocional. Ela se torna um princípio de seleção dos quadros administrativos e também de expansão para comunidades mais amplas. Também é importante comentarmos o termo *Vergemeinschaftung* que pode receber a tradução como “comunalização”, o que indica seu potencial de formação e expansão de uma comunidade.⁹

⁹ Em nosso caso, como veremos na parte final, esse conceito é de uma impressionante adequação histórica. Em termos da mobilização da propaganda e das práticas estimuladas pelos nazistas, esse princípio se fez presente de forma crescente na “comunidade do povo”, a *Volksgemeinschaftung*, fruto de outro termo nazista, a “unificação/sincronização” - *Gleichschaltung*. Fabulação de um regime que patrocina, na outra mão, o Holocausto.

Seguindo a orientação teórica de observar o carisma em estado nascente, Weber apresenta um importante elemento contextual, que é o fato de sempre surgir em momentos de mudança social abrupta, produtoras da “miséria e entusiasmo”. Aqui, o carisma modifica de forma revolucionária a “consciência e as ações”, remodelando o ser interior (*Umformung von innen her sein*):

O carisma é o grande poder revolucionário nas épocas com forte vinculação à tradição. Diferentemente do poder também revolucionário da ‘ratio’, que ou atua diretamente de fora para dentro – pela modificação das condições da vida e problemas da vida e assim, indiretamente, das respectivas atitudes, a saber, pela intelectualização, o carisma pode ser uma transformação que remodela o ser interior [*Umformung von innen her sein*], a qual, nascida da miséria ou entusiasmo, significa uma modificação da direção da consciência e das ações, com orientação totalmente nova de todas as atitudes diante de todas as formas de vida e diante do ‘mundo’, em geral. (WEBER, 1980, p. 142, inserções nos colchetes são nossas).

Embora não nomeie, aqui Weber está trabalhando o poder revolucionário do carisma como metanóia, como transformação do ser interior, possibilitando um impacto macro da formação de um séquito de adeptos ou seguidores. Aprofundaremos isso adiante. O restante do capítulo trabalha a rotinização do carisma quando este ultrapassa a condição de estado nascente e procura ora se tradicionalizar ora se racionalizar, disputando espaço nas relações associativas que regulam os interesses materiais das épocas históricas em questão. Não ocupa o centro de nossa preocupação atual, que deve reter ainda por mais um tempo a questão do tipo puro conceitual, relativo ao início do processo, o que remete para o contexto de ascensão do Nazismo. Para tanto, passemos para o volume II de “Economia e sociedade”, sessão 5, §1 e seguintes, onde Weber acrescenta algo importante: que é associar o fundamento carismático à satisfação de necessidades não econômicas, típicas de épocas de crise que enfrentam diversas ordens de dificuldades. O carisma apresenta a satisfação de necessidades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas e políticas. De fato, se apresenta como salvação geral, por isso genérica.

Ao contrário, a satisfação de todas as necessidades que *transcendem* as exigências da vida econômica cotidiana tem, em princípio, fundamentos totalmente heterogêneos: carismáticos – e isto em grau crescente nos tempos mais remotos. Isto significa: os líderes ‘naturais’, em situações de *dificuldades* psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas e políticas, não eram pessoas que ocupavam um cargo público, nem que exerciam determinada ‘profissão’ especializada e remunerada, no sentido atual da palavra, mas portadores de dons físicos e espirituais específicos, *considerados* sobrenaturais (no sentido de não serem acessíveis a todo o mundo). (WEBER, 2009b, p. 323).



É a partir deste cenário de dificuldades em tempos de crise, que Weber acrescenta que ao líder carismático não são atribuídas competências objetivas exclusivas tal como as autoridades burocráticas, mas sim que ele assume as tarefas que considera adequadas e exige obediência e adesão em virtude de sua missão. Tal é a dimensão de legitimação do processo, em que

O 'reconhecimento' [...] puramente afetivo da missão pessoal do senhor carismático pelos dominados, sobre o qual se fundamenta o poder deste, tem a sua origem na entrega fiel ao extraordinário e inaudito, alheio a toda regra e tradição e por isso considerado divino, tal como nasce do desespero e entusiasmo (Ibid., p. 326).

Com isso, temos algo novo: o carisma é produto de um espírito profético e heroico. Há algo mais aqui, quando se considera sob perspectiva dos conflitos sociais, acentuadíssimos em épocas de mudança social abrupta (o que é o caso da Alemanha neste período que analisamos): “a específica forma carismática de solucionar conflitos é a revelação [...] pelas considerações valorativas rigorosamente concretas e individuais que reclamam vigência absoluta” (Ibid., p. 327). Neste ponto chegamos ao poder revolucionário do carisma, que sempre se refere ao estado nascente de um processo de subversão – anterior à sua rotinização por vias racionais e tradicionais. Trata-se da produção de uma metanóia no modo de pensar dos dominados.

O poder do carisma [...] fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional da importância e do valor de uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer, no heroísmo da ascese [...]. Esta fé revoluciona os homens ‘de dentro para fora’ e procura querer transformar as coisas e as ordens segundo o seu querer revolucionário. [...] Trata-se de um ‘avaliar’ subjetivo, ‘a serviço da época’. [...] Isso quer dizer a afirmação de que a racionalização e a ‘ordem’ racional revolucionam de ‘fora para dentro’, enquanto o carisma, ao contrário, desde que exerça os seus efeitos específicos, manifesta seu poder revolucionário ‘de dentro para fora’, a partir de uma metanóia central do modo de pensar dos dominados. (WEBER, 2009b, p. 328)

O que é a metanóia? O termo possui uma derivação do grego (*μετανοία*), o que nos remete para as referências teológicas do conceito de carisma em Weber. Adentrando na história do Cristianismo, significando “arrepentimento” e “transformação espiritual”, passou a apontar para a mudança de atitude de pensamento ou de mentalidade que acompanha a conversão religiosa. Em nosso foco, consideramos o termo na referência de Weber ao processo de conversão mediante os atos de fé, não necessariamente

específicos da esfera religiosa.¹⁰ A conversão se faz mediante o desenvolvimento da confiança incondicional na pessoa que a suscita, caracterizando uma ação afetiva, seja no plano micro, seja num plano mais ampliado do séquito e, posteriormente, de grandes contingentes, vide a “comunalização”. Isso nos permite compreender as referências a respeito desta conversão atuar “de dentro para fora”, modificando o modo de pensamento e atitudes com que o convertido se relaciona com o mundo. Acrescente-se que o contexto propício para o seu surgimento é o de “situações de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas”, que criam uma demanda que não pode ser atendida pelo político convencional ou pela política racional legal, o que abre esse espaço, originado na demanda potencial por uma liderança que promova algo análogo à salvação. O resultado é a criação de uma comunidade emocional. A Psicanálise teria muito a contribuir, com o seu conceito de identificação, porém, escapa ao foco teórico deste artigo.

Mesmo que a metanóia promova uma conversão do modo de pensamento, modificando as formas deste “avaliar subjetivo a respeito da época” (que poderíamos chamar de formas de apreciação) ela também cria relações sociais que podem se afastar do sentido visado pelo agente, lembrando a importante observação de Weber, após a definição do conceito de ação social, de que

[...] os conceitos construtivos da Sociologia são típicos ideais não apenas externa como também internamente. A ação *real* sucede, na maioria dos casos, em surda semiconsciência ou inconsciência de seu ‘sentido visado’. O agente mais o ‘sente’, de forma indeterminada, do que sabe ou tem “clara ideia” dele. (WEBER, 2009, p. 13)

Em se tratando da aproximação da dominação carismática com o universo maior da ação afetiva, dentro deste contexto de um “querer revolucionário” de “entrega ao extraordinário e inaudito”, esta transição para fora da ação (ausência de sentido) que possui o potencial de criar uma situação massiva reativa, tem que ser levada em conta. Weber conhecia a “Psicologia de Massas” de Le Bon e considerava as ações reativas de massa como ações desprovidas de sentido. Esta ramificação para fora do âmbito da ação social, criando um universo de reações reativas e de massa, será de muita importância na terceira parte deste trabalho, quando analisamos os efeitos das propagandas e das grandes manifestações políticas do Nazismo, produzindo reações de histeria de massa.

¹⁰ Weber, em sua Sociologia da Religião, trabalha a metanóia como “renascimento para a vida” ou “mudança de espiritualidade”, que pode ser paulatina ou repentina, presente em religiosidades mais apegadas à necessidade de salvação (cujos portadores fazem parte de camadas sociais que possuem essa necessidade). Isso pode ser visto, por exemplo, em (2009, p. 357).

Dentro do escopo da ação dotada de sentido, como preparação de um séquito de seguidores (daqueles que foram convertidos) a “metanóia central no modo de pensar dos dominados” implica, portanto, uma transformação de caráter e uma mudança essencial de pensamento, apreciação, valoração e, acima de tudo, uma conversão fundamentada numa fé que rearranja aspectos emocionais, dando direção a seu fluxo. Por isso Weber considera que o carisma exige “a sujeição íntima ao nunca visto”. Para enfatizar: o autor reitera que este *in statu nascendi*, pelo qual insurge uma dominação carismática, é sempre o produto de situações extraordinárias externas, “especialmente políticas ou econômicas, ou internas, psíquicas” (Ibid., p. 331) que, num plano maior, proporcionam a formação de uma comunidade emocional.

Como isso é disparado em certos momentos históricos? Trata-se de uma generalização sociológica para o emprego em circunstâncias históricas específicas, em que “nasce da excitação comum a um grupo de pessoas, provocada pelo extraordinário, e da entrega ao heroísmo, seja qual for o seu conteúdo” (Ibid., p. 331). Neste ponto da análise histórica, para testar a hipótese weberiana, teriam que ser consideradas a dimensão da propaganda política bem como a dimensão estética que a organiza na ascensão do Terceiro Reich. Elas teriam sido produto e produtoras de uma metanóia, direcionando-a com conteúdos? A partir deste ponto, ainda num recurso de generalização da teoria, o carisma arrefece e se torna rotineiro, porém continuando a animar as massas:

Ainda que o carisma, como poder criativo, recue quando a dominação se solidifica em formações permanentes, passando a atuar somente nas emoções das massas, efêmeras e com resultados imprevisíveis, [...] permanece, mesmo assim, porém, em sentido fortemente modificado, um elemento altamente importante da estrutura social. Temos que nos referir agora àqueles motivos econômicos, antes já mencionados, que, sobretudo, condicionam a rotinização do carisma: a necessidade de as camadas privilegiadas por determinadas ordens políticas, sociais e econômicas, já existentes, verem ‘legitimada’ sua situação social e econômica, isto é, de vê-la consagrada e transformada, de um estado de relações de poder existentes puramente de fato, em um cosmo de direitos adquiridos. (WEBER, 2009b, p. 354)

Neste sentido temporal de observação de processos históricos, o destino do carisma, “ao penetrar nas estruturas permanentes da ação social, é o de recuar em favor dos poderes da tradição ou então da relação associativa racional” (Ibid., p. 356). Neste ponto, a explicação já está lidando com a persistência ou estabilidade do que foi revolucionado pelo carisma em seu estado nascente, no momento em que este arrefece e dá lugar a outros mecanismos de sustentação. Não trabalharemos com a rotinização do

carisma. Devido a isso, o arco de datação histórica que trabalharemos na parte final do artigo termina com a chegada dos nazistas à chancelaria, em 1933.

4 A ASCENSÃO DE HITLER E DO TERCEIRO REICH

Nossa primeira colocação é a de que o “legado de Bismarck” possui conexão com a ascensão do Terceiro Reich. Coincide o elemento de primazia da esfera militar na definição dos acontecimentos, numa repetição de seu uso para derrotar a esquerda, particularmente após a revolução alemã e a “república dos conselhos” de Munique (Baviera) do pós-guerra, até 1923. Há um compromisso com o campo conservador em apoiar o NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) contra o SPD (Partido Social Democrata) e os partidos USPD (Partido Social Democrata Independente) e KPD (Partido Comunista Alemão). A unificação alemã pelo militarismo prussiano renasce na unificação do país após a crise e o caos da Primeira Guerra, pelo compromisso com os militares da *Reichswehr* (forças armadas), que, desmobilizados, passam a buscar ocupação ao apoiar e integrar os *Freikorps* (corpos livres, ou forças paramilitares que combatem a esquerda). É da *Reichswehr* que se originará a força paramilitar do NSDAP, sua tropa de choque, as SA¹¹ (*Sturmabteilung*, “destacamento tempestade” ou tropas de assalto). O lado mais drástico do “legado de Bismarck” se confirma: a submissão ao líder que sobe à cadeira do poder. O conceito weberiano de “parlamento negativo”, que não influi em nada no poder, se concretiza.

Não há parlamento após 1933. Não há partidos políticos ao lado do NSDAP. Há uma ditadura que se instaura em 1934. A partir da morte de Paul Hindenburg (presidente, chefe de Estado), seu poder se funde ao do chanceler (Hitler, chefe de governo), construindo um princípio de autoridade derivado da pessoa, numa obediência incondicional à sua vontade. O que nos remete para a tese do Estado dual: a supremacia do Estado prerrogativo supralegal, discricionário. Neste particular, para descrever o exercício do poder como vontade, Kershaw (2010) usa a expressão “trabalhar para o *Führer*”, dimensão “administrativa” através da qual os seus comentários e monólogos informais se transformavam em iniciativas dos subordinados, alimentando decretos e

¹¹ Em 1934, as SA eram compostas por aproximadamente 4,5 milhões de combatentes. É um fenômeno único de invasão da violência não legal no mundo político associativo, ultrapassando os *Squadristi di Combattimento* do Fascismo italiano.

movimentando a máquina burocrática de um sistema darwinista de competição entre rivais.

Administrativamente, afirma Evans (2011), trata-se de uma massa individualizada de instituições rivais. Existe um sentimento e prática contrários à burocracia, características que coincidem com a descrição weberiana dos quadros administrativos carismáticos, fundados no vínculo pessoal e emocional; neles, como afirma Evans (2011), a distribuição formal do poder se transforma num caso de competição entre personalidades e não de normas. A autoridade arbitrária suplanta o ato formal da lei. É razoável o argumento de Elias (1997), também observado em Reich (2001) da identificação com a autoridade, do *habitus* de se curvar à autoridade, um novo elemento do “legado de Bismarck”. Portanto, a colocação de Weber se inscreve num processo de repetição do fenômeno político, em termos de ação e instituição. O poder e a violência ultrapassam o monopólio legítimo de seu uso, via paramilitar, também ultrapassando o estado racional legal, instituindo quadros administrativos irracionais.

Este é o contexto no qual surge a dominação carismática que caracteriza o Terceiro Reich e a ascensão de Hitler. Como caracterizá-los? Antes de tudo, o poder se origina em parte de Hitler. Em maior medida, ele era um produto social oriundo da criação de expectativas e motivações sociais investidas por seus seguidores. Observando a “relação carismática” (Sell, 2018), deve-se olhar para os outros, que se submeteram e colaboraram. Além disso, a natureza do poder de Hitler era de tipo extraordinário, não reivindicada a partir de uma posição funcional. O poder era extraído de uma missão. Segundo Kershaw (2010, p. 30), seu poder era carismático, não institucional e sua autoridade era derivada da disposição dos outros em ver qualidades heroicas nele – “e eles viram de fato essas qualidades, talvez antes mesmo dele acreditar nelas”. Lembremos que o processo de legitimação, em Weber, é indissociável da crença e da fé. Como relação social, que “compartilha sentido subjetivo”, tal é o que está sendo descrito: a criação de um séquito de seguidores e, no limite, a conquista das massas, pois o que importa é como de fato ela [a qualidade pessoal do carisma] é avaliada pelos carismaticamente dominados – os adeptos, o que permite que se desvie o foco de Hitler e se observe o hitlerismo ou a propaganda e culto à personalidade heroica – tão bem documentada – o “culto ao *Führer*”.

Numa nova aproximação com a dominação carismática, Hitler era um ideólogo de convicções inabaláveis, expoente de uma visão de mundo internamente coerente – a ideia da história da humanidade como luta racial numa visão utópica da redenção nacional, recriada pela ação de seus seguidores, numa radicalização cumulativa. Weber coloca a crise como contexto típico da dominação carismática. Sem a crise, Hitler não seria nada, argumenta Kershaw (2010). Sem a derrota na primeira guerra; sem o tratado de Versalhes e as pesadas reparações de guerra; sem a interpretação da rendição como humilhação e traição; sem a queda da monarquia Guilhermina; sem a instauração da “odiada república”; sem a hiperinflação; sem a insurreição oriunda da revolução russa de 1917, que se internacionaliza como uma das tendências da revolução alemã e acende o alerta na direita; sem o ambiente explosivo de Munique (o berço da ala mais radical do NSDAP) após a revolução e a república dos conselhos, o que coloca o terreno favorável ao polo radical dos *Freikorps* e das SA, Hitler não seria nada. É a crise que cria um movimento de mudança social abrupta, produtora da “miséria e entusiasmo”. Como coloca Evans (2011), o Nazismo foi desde o início um conjunto de princípios baseados na violência e no ódio, nascido da amargura e do desespero.

Com novo apoio em Kershaw (2010) fazemos um rápido resumo da origem de Hitler e dos personagens que promoveram sua ascensão: inicialmente, partimos de um momento de sua biografia em que ele era alguém sem formação ou emprego, nem perspectiva de vida, ao se tornar pintor fracassado em Viena; no próximo quadro, sua condição social decai ao ponto de virar um mendigo que mora em um albergue, tornando-se um indigente com barba comprida e roupas esfarrapadas; passando para outra fase, sua esperança renasce no exército e “nas ideias de 1914” (um sentimento comum à maioria dos alemães), quando se entusiasma com o nacionalismo e se alista voluntariamente; sua “formação” se dá quando vai à guerra e pela primeira vez experimenta um propósito na vida; é condecorado e promovido a cabo e vivencia a camaradagem; porém, de novo vivencia um golpe e forte desilusão na rendição alemã na primeira guerra, sentida como alta traição. Neste momento, encontramos os patrocinadores de sua virada, quando ele se transforma em um “cachorro sem dono”, no dizer de um capitão da *Reichswehr* (Karl Mayr). Ele o recrutou entre milhares de soldados desmobilizados e o tornou um orador eficaz, na luta, ao lado dos *Freikorps*, para reprimir os conselhos de fábrica e principalmente os conselhos das tropas, durante a revolução socialista, que perdurou, em Munique, até 1923.

Para Kershaw, o capitão Mayr é o parteiro da carreira de Hitler. Quais eram suas “competências”? O exército (Mayr) o transformou num propagandista, num demagogo, no mais talentoso demagogo de sua época. O mais radical. No ambiente da Baviera (Munique), feito sob medida para a propaganda nazista. Seu “parto” se deu no interior do exército, no “*Gruko*, um departamento de informação e de propaganda entre as tropas, com sua propaganda antibolchevique e antimarxista, tendo passado por cursos de oratória, financiados por Mayr”. (KERSHAW, 2010, p. 106). Hitler recebeu educação política na Universidade de Munique, pelos contatos com historiadores do campo das teorias raciais *völkisch*. Ele “percebeu pela primeira vez que podia causar impacto nas pessoas ao seu redor” (Ibid., p. 107). Segundo um professor de Munique (Müller): “falava num tom apaixonado e gutural, possuía um talento retórico natural”. (Ibid., p. 107). Ao que tudo indica, pela primeira vez na vida obteve sucesso irrestrito, um caminho moldado pela circunstância, no qual a política veio até ele. Literalmente, um renascimento para a vida. Um mendigo, depois um derrotado, se torna alguém que obtém um sucesso explosivo, via energia da aclamação da multidão.

Por outro lado, pela atuação de Mayr e da universidade de Munique, trata-se do exemplo de alguém que recebeu o que Weber denomina “educação carismática”. Ela implica componentes de formação especializada e um tratamento doutrinário com a finalidade de “despertar a personalidade inteira, promovendo o seu renascimento” (2009b, p. 351). A educação carismática permite o desdobramento da qualidade carismática, num processo de “comprovação e seleção do qualificado”, transformando sua condução da vida, através da ascese, “despertando a capacidade de êxtase e renascimento” (Ibid., p. 351). Sendo assim, “o carisma só pode ser ‘despertado’ e ‘provado’, e não ‘apreendido’ ou ‘inculcado’ (WEBER, 1980, p. 145). O desdobramento histórico desta questão é conhecido: a conquista crescente de um séquito e a aclamação das massas. Um trecho de um discurso de Hitler faz um apontamento da necessidade de fanatizar as massas, numa espécie de confirmação do temor de Max Weber diante do predomínio do irracionalismo na história:

[...] acusaram-me de fanatizar as massas¹², de levá-las ao êxtase. Os psicólogos sutis aconselham a acalmar as massas, a mantê-las num

¹² Saindo de Hitler e rumando para o processo como uma relação social, o que seria o Hitlerismo? Pela demagogia, tais competências o colocam como “artista de povos”. Numa cristalização ideológica dos Fascismos, “todo grande chefe de Estado o é porque é artista; só os grandes artistas de povos criam os grandes povos, os grandes Estados (Giménez Caballero, Fascista espanhol)” (BERNARDO, 2015, p. 1112). Para uma questão de gênese histórica do Hitlerismo (também observável no culto à personalidade),

estado de apatia letárgica. Não, meus senhores, deve-se fazer exatamente o contrário. Para dirigir as massas tenho de arrancá-las à apatia. As massas só se deixam conduzir quando estão fanatizadas. Apáticas e amorfas, as massas representam o maior dos perigos para qualquer comunidade política. A apatia constitui uma das formas de defesa das massas. É um refúgio provisório, um entorpecimento de forças que de súbito explodirão em ações e reações inesperadas (BERNARDO, 2015, p. 1153).

Em discurso de 04.05.1923, Hitler, em referência a Bismarck, para ele um “gigante cujos feitos contrastavam com aqueles do *Reichstag*”, “o coveiro da Alemanha”, declara:

O que pode salvar a Alemanha é a ditadura da vontade nacional e da determinação nacional. Surge a pergunta: a personalidade adequada está à mão? Nossa tarefa não é procurar por essa pessoa. Ela é um dom dos céus, ou não está aqui. Nossa tarefa é criar a espada que essa pessoa precisará quando estiver aqui. Nossa tarefa é dar ao ditador, quando ele chegar, um povo pronto para ele! (KERSHAW, 2010, p. 145).

É evidente que Hitler, já em 1923, se imaginava essa pessoa. Nossa primeira referência direta à Weber (1980, p. 140), que fixa o carisma em uma personalidade [*Persönlichkeit*] que, no olhar dos seus seguidores, aparece como enviada por Deus [*gottgesandt*], ou como exemplar e, portanto, como ‘líder’, aparece aqui, quase idêntica, neste trecho de discurso. Trata-se, por parte de Hitler e seu discurso, de uma cristalização ideológica da prática e também um reconhecimento da natureza das ações tomadas, qual seja, de inflamar a multidão e de arrancá-la da apatia. Em nova aproximação do conceito de carisma em estado nascente, tal mobilização e radicalismo geram um efeito passageiro, a partir do qual a dominação carismática precisa se rotinizar. Em novo discurso, afirma Hitler, parecendo compreender a natureza do que estava mobilizando:

O entusiasmo e o auto sacrifício [*sic*] não podem ser extraídos como algo tangível e guardados numa garrafa. São gerados uma só vez, no decurso de uma revolução, e extinguem-se gradualmente. A rotina do dia a dia e as comodidades da vida apoderam-se então novamente das pessoas e convertem-nas em respeitáveis cidadãos de fato [*sic*] cinzento (BERNARDO, 2015, p. 600)

Mussolini é o inovador neste sentido, ao declarar e pôr em prática que “as massas constituem o material com que o político, como artista, forjava sua obra prima”. Comentando a “Marcha sobre Roma”, Mussolini afirma que a função do Fascismo “é realizar um todo orgânico das massas com a nação para que delas se possa dispor, tal como o artista tem necessidade da matéria bruta” (BERNARDO, 2015, p. 1112). Mussolini e Hitler absorveram a *persona* de seus papéis inteiramente, vendo-se a si mesmos como artistas, o primeiro como músico amador (violinista), o segundo como aspirante a pintor e arquiteto. Sua capacidade de incendiar as massas é única. O vínculo entre líder e massas é único no Fascismo italiano e Nazismo germânico, numa diluição de contra poderes ou contrapesos institucionais.

Os historiadores são consensuais em apontar que a mobilização do espírito pelo Nazismo foi decaindo após os três anos iniciais, principalmente após os primeiros reveses da guerra. Após 1941, cai por terra. De toda maneira, nunca foi “total”, como apregoada pela propaganda, como mostram relatórios do SD (serviço de inteligência das SS), compilados por Evans, 2011. Abundam nos relatórios as piadas contra o regime (as relações jocosas como escatologia, espaço de pequena resistência diante de um regime policial). Nenhum “artista de povos” se desenvolve sem a construção de um palco e de seu cenário. Neste sentido de “arte total” (wagneriana), a construção da cena é feita pela propaganda e pela estética. Qual a função? Na colocação de Bernardo (2015, p. 1114-5), na estética fascista e nazista a política serviu de realidade virtual, superlativa, em seus festivais, cerimônias, paradas e desfiles, o povo como um figurante, como o homem novo gerado. Dominada pela ótica marcial, a estética primou em aniquilar o individualismo e em converter a multidão num uníssono, num único corpo e expressão do líder (e do líder como expressão de seu povo). Tal mobilização das massas é única na história do século XX, inaugurada pela referida Marcha sobre Roma de 1922 e repetida no imenso 6º Congresso do NSDAP, em 1934.

Exemplo de agitação e propaganda para forjar um povo, naquilo que Bernardo (2015) denomina como o “eixo radical do Fascismo”, o 6º Congresso foi filmado e deu origem ao documentário “O triunfo da vontade”, de Leni Riefenstahl. O lema do congresso foi “um povo, um *reich*, um líder”. O congresso foi detalhadamente planejado como obra de arquitetura e propaganda. Albert Speer constrói em Nuremberg a imensa Arena Zeppelin, em granito, para acomodar uma multidão de aproximadamente 200 mil pessoas, mobilizadas pela propaganda. Goebbels já controlava a propaganda, o rádio e o jornalismo. William Shirer (jornalista que cobriu diretamente de Nuremberg) descreveu a atmosfera como de “misticismo e fervor, com reações de histeria e excitação de massa” (EVANS, 2011, p. 155). Tal dimensão foi explorada por Leni Riefenstahl, em grandes angulares, demonstrando a grandiosidade de uma multidão organizada em gigantescas colunas vibrando numa mesma coreografia. O documentário perfila uma sequência de desfiles, na aparente fusão de todo o povo, numa “marcha, colossal parada de uniformes, um ‘socialismo de alfaiate’” (BERNARDO, 2015, p. 1109). Vale acrescentar que a trilha sonora é o tempo todo uma constante marcha militar, que sincroniza os corpos e as técnicas corporais pelo vetor marcial, perfilado por estandartes, símbolos e uniformes. Uma demonstração de poder: grandes colunas do NSDAP em marrom, da SA em pardo e

das SS em preto, tríade do apoio armado do regime, indicado por três grandes bandeiras com a Suástica, colocadas no fundo cênico.

Numa preparação para a metanóia, que é o poder revolucionário do carisma para Weber, temos que dizer algo mais sobre a propaganda. Para Evans (2011, p. 147), a propaganda somada ao jornalismo (controlado pelo partido) objetivava a aquiescência passiva e taciturna, como também o referendo positivo e entusiástico. Objetivava mudar a mente e o espírito, mudar a cultura. Goebbels coloca a tarefa da perspectiva de uma revolução, o que nos aproxima novamente do contorno conceitual weberiano. Uma revolução, afirma o ministro da propaganda, que culmina com “um só povo, uma unidade de espírito”; acrescenta: tratava-se de uma revolução cultural, uma “conversão do conjunto do povo alemão ao seu modo de pensar”, tônica de um discurso de Goebbels de 25.03.1933, “A totalidade endossa”, em que manifestou a pretensão de uma “mobilização espiritual como recriação de um espírito de entusiasmo popular” (EVANS, 2011, p. 152). Não foi bem assim, porém, muito mais do que o suficiente para operar uma ruptura na visão de mundo de setores sociais, sustentando o regime nos primeiros anos, segundo sua legitimidade.

Como preparação para a metanóia, a propaganda e a manipulação da opinião pública agem de “fora para dentro”, construindo o cenário de ação do líder. Só para se ter uma ideia, “os nazistas controlavam 782 mil exemplares de 86 jornais em 1936” (EVANS, 2011, p. 156-7). Incluindo o *Frankfurter Zeitung*, que é nazificado em 1939. No mesmo ano, “70% dos lares possuíam rádio, o mais alto índice do mundo. A maioria dos rádios eram os ‘receptores do povo’, de ondas curtas, sem captar transmissões estrangeiras”. (Ibid., p. 176). Porém, de nada adianta o aparato de propaganda sem o protagonismo de quem atua.

Neste particular, temos que voltar para o problema da atuação do líder carismático. Quem foi Hitler durante a ascensão ao poder? Para Kershaw, colhendo depoimentos de época, Hitler era uma personalidade extraordinária (o que se liga com o traço extracotidiano do conceito weberiano), portador de um magnetismo pessoal extraordinário (2010, p. 20). Segundo o depoimento de Albert Speer, Hitler era uma “figura demoníaca, um daqueles fenômenos históricos inexplicáveis que surgem em raros intervalos da humanidade, cuja pessoa determinou o destino da nação” (KERSHAW, 2010, p. 25). Aplacando essa aura de mistificação, “sua excentricidade virou um trunfo, o

que nos permite olhar menos para sua personalidade do que para os motivos e ações daqueles que vieram a ser os seus adeptos, admiradores e devotos” (Ibid., p. 113). Isso é fundamental para não psicologizar o líder carismático, mas, ao contrário, observar a situação sob a angular da dominação carismática, que pressupõe uma relação social duradoura a partir daqueles que o seguem - sem o que não se pode falar em termos de legitimidade. Quem foi Hitler? Segundo Kershaw, foi um orador carismático:

[...] foi como propagandista, e não como um ideólogo com um conjunto peculiar ou especial de ideias políticas, que ele se destacou nestes primeiros anos. Não havia nada de novo, diferente, original ou característico nas ideias que propagava nas cervejarias de Munique [década de 20, antes da ascensão]. Elas eram moedas correntes entre os variados grupos e seitas *völkisch* e já haviam sido apresentadas em todos os seus aspectos essenciais pelos pangermanistas do pré-guerra. O que Hitler fazia era propagar ideias não originais de um modo original. Ele dava voz a fobias, preconceitos e ressentimentos como ninguém. Outros podiam dizer as mesmas coisas, mas não causavam impacto nenhum. O que contava não era o que dizia, mas como dizia¹³ [...] Simplicidade e repetição eram os ingredientes fundamentais de seu arsenal oratório. Eles giravam em torno dos pontos essenciais e invariáveis de suas mensagens: a nacionalização das massas, a reversão da grande ‘traição de 1918’, a destruição dos inimigos internos da Alemanha (sobretudo os judeus) e a reconstrução material e psicológica como pré-requisito para a luta externa e a conquista da posição de potência mundial. (KERSHAW, 2010, p. 113-4).

Quem foi Hitler para seus contemporâneos, durante a ascensão? Alguém que conseguia ser ouvido por horas, sem dispersão da plateia. Um captador da atenção. Aquele que rouba uma cena. Kershaw salienta: produto de um leitor infatigável, movido pela reiteração obsessiva da *doxa*; produto de alguém que desde a infância se colocou de forma dominante em discussões, promovendo monólogos e transformando os outros em ouvintes, de forma intrépida, tenaz. Segundo o depoimento de Hans Frank, recordando (em sua cela em Nuremberg, aguardando a forca) quando ouviu Hitler pela primeira vez:

[...] fiquei muito impressionado de imediato. Era bem distinto do que se ouvia em comícios. Seu método era completamente claro e simples. Ele tomava o tópico dominante do dia, o *Diktat* de Versalhes, e propunha a questão de todas as questões: ‘E agora, povo alemão? Qual é a verdadeira situação? O que nos resta agora?’ Ele falava por mais de duas horas e meia, interrompido com frequência por torrentes frenéticas de aplausos – e se podia ouvi-lo por muito, muito mais tempo. Tudo vinha do coração e nos atingia profundamente [...] Quando terminava, o aplauso não cessava. [...] A partir daquela noite [janeiro de 1920], embora sem ser

¹³ Weber (2009b, p. 339) aponta que, no “carisma do discurso”, quanto mais se pretende impressionar as massas, mais o conteúdo deste é secundário, pois o seu “efeito é puramente emocional e tem apenas o mesmo sentido das manifestações e festas dos partidos: produzir nas massas a ideia do poder e a certeza de vitória do partido e, sobretudo, da qualificação carismática do chefe”.

membro do partido, convenci-me de que, se havia um homem capaz de dominar o destino da Alemanha, esse homem era Hitler. (KERSHAW, 2010, p. 122-3).

O artista no palco teria atingido uma metanóia? (em se tratando do traço revolucionário do carisma em “estado nascente”, temos que trabalhar a questão). Existe um conjunto múltiplo de fontes que atestam a histeria coletiva nos grandes comícios, já sob o efeito de propaganda, após a ascensão ao poder. Mas e no início, antes da conquista da máquina? Existe menos material.¹⁴ Porém, dois depoimentos citados por Kershaw ajudam a demonstrar a ativação de uma metanóia e com eles fecharemos o presente artigo. Trata-se de depoimentos oriundos dos círculos próximos à ação do partido nazista, portanto, de entusiastas, o que de certa forma facilita o ambiente para a conquista de prosélitos ou iniciados, dado a inicial convergência de pensamento, valores e atitudes. De toda forma, neste momento inicial da ascensão ao poder, sem a máquina e a manipulação, os depoimentos podem ser considerados adequados para a observação do âmbito em que se dá a relação social carismática enquanto relação que nos aponta para o séquito de seguidores, em ambientes em que pequenas multidões se aglomeravam como plateias cativas. Tal observação é importante para contextualizarmos os depoimentos.

O primeiro é de Kurt Lüdecke, playboy, ex-jogador e aventureiro comercial bem relacionado. Ao ouvir Hitler em agosto de 1922 em Munique, ele ficou fascinado:

[...] minha faculdade crítica foi levada de roldão [...] Ele mantinha as massas – e eu também – sob um canto hipnótico pela pura força de sua convicção. [...] Seu apelo à virilidade alemã era como um chamado às armas, o evangelho que pregava, uma verdade sagrada. Parecia um novo Lutero. [...] Senti uma exaltação que só poderia ser comparada a uma conversão religiosa. [...] Eu encontrara a mim mesmo, meu líder e minha causa (KERSHAW, 2010, p. 146-7).

O segundo depoimento é de Ernst “Putzi” Hanfstaengl, pertencente à classe média instruída, formado em Harvard e pertencente à alta sociedade de Munique. Sua

¹⁴ Num trabalho recente, Eberle (2010) acessou doze mil cartas nos arquivos de Moscou, endereçadas à Hitler. Sua análise de conteúdo permite documentar os efeitos do culto à personalidade, numa ramificação da abrangência de sua figura enquanto líder carismático, entre 1925 e 1945. Os elementos de adoração ao *Führer* chegam a impressionar, marcando presença em diversas faixas etárias, ocupações e gênero. É um fenômeno que atravessou toda a sociedade alemã, muito embora o apoio ao Nazismo tenha recrudescido com o revés da guerra. Para Eberle, o carisma de Hitler cresce entre 1924 e 1932. A fonte das cartas é importante, pois revela a adesão da propaganda na sociedade como um todo, numa medição de dispersão dos seus efeitos. Isso porque, mesmo que a escrita das cartas tenha sido estimulada, seu ato não é vigiado e sim espontâneo.

primeira experiência com Hitler foi ouvi-lo discursar. Ficou muito impressionado com seu poder de dominar as massas:

Muito além de sua retórica eletrizante, esse homem parecia possuir o dom raro de juntar o anseio gnóstico da época por uma figura de líder forte com sua reivindicação missionária e sugerir nessa fusão que toda esperança e expectativa concebível era capaz de se realizar – um espetáculo espantoso de influência sugestiva sobre a psique de massa [...] Apesar de Hitler provir de um círculo social inferior, ele ficou cativado por ‘aquele virtuoso nos teclados da psique humana’. (KERSHAW, 2010, p. 147-8)

Muito sutil e importante a observação relativa ao “anseio gnóstico da época”, elemento dos mais importantes para o contexto que tornou Hitler possível. Centro contextual da ascensão de líderes carismáticos para Weber: o momento de miséria, que cria a necessidade humana por um ato irracional de fé (fé sempre indispensável para a legitimação). “Anseio gnóstico” aponta para uma esperança de salvação, que estava sendo disputada por todos os líderes da esfera política, de todos os partidos, enquanto mobilização dos aspectos afetivos e emocionais de uma população devastada. A salvação que foi mobilizada pelo hitlerismo apontava para o renascimento da Alemanha e do povo alemão, tal como foi aplicada, como vimos, no Congresso do NSDAP de 1934 e em seu símbolo “um povo, um *reich*, um líder”, que foi inculcado a “golpes de martelo”.¹⁵ O referencial weberiano aqui apresentado permite observar a eficácia da “mobilização do espírito” (o termo é de Evans, 2011) e do “moral” da população, perante os traumas vivenciados e já comentados e, neste contexto, eram amplas as camadas sociais propensas. O partido nazista cresceu nos anos anteriores a 1933 por ter tido sucesso nesta mobilização. Sua chegada à Chancelaria, porém, é resultante de uma combinação de fatores que não temos espaço de abordar aqui.

No entanto, a metanóia como conceito que permite compreender essa mobilização, não é espontânea, nem é metafísica. Um líder que é “um dom do céu”, como disse Hitler, pressupõe a exploração do desespero. Trata-se de um processo de criação. Goebbels afirma em 1933: “Queremos ter uma ação sobre o povo até que ele se tenha rendido a nós” (BERNARDO, 2015, p. 590-1). Como tal, é a propaganda que impulsiona para frente uma ação sobre as massas. Por outro ângulo, a metanóia é também o produto de uma estética:

Era uma arte nova, superior às outras porque a todas englobava. Hitler levou longe a tradição wagneriana do teatro enquanto arte total e pôs em

¹⁵ O termo é de Adorno, ao caracterizar a música ligeira.

cena o próprio Estado, fazendo da assembleia política uma representação, da propaganda um teatro filmado, da arquitetura um cenário, finalmente da guerra uma coreografia.¹⁶ Arte do totalitarismo, a encenação converteu-se na arte absoluta e nela se operou a síntese de todas as outras. [...] os festivais de massa foram levados por Hitler a proporções ainda mais colossais e neles passou-se a resumir-se a política pública. Antes de mais, ele pôs-se em cena a si mesmo, desde cedo estudando e ensaiando os gestos que na tribuna haveriam de parecer espontâneos. [...] Criação em ato, o discurso não podia separar-se dos grandes desfiles, cuja preparação coreográfica seguia com atenção. [...] Nesses cerimoniais públicos, o orador suspendia tanto a razão quanto os próprios ouvintes [...] Enquanto alienação coletiva da razão, a estética racista dos festivais só pode entender-se como operação de magia. (BERNARDO, 2015, p. 1152-3).

“Acima de tudo, a cultura nazista, impulsionada pelo Ministério da Propaganda¹⁷, almejava esmagar o pensamento e o sentimento individuais e moldar os alemães em uma massa única, obediente e disciplinada.” (EVANS, 2011, p. 151). Estes efeitos são conhecidos e bem documentados. Eles resultaram na criação da “comunidade do povo” (*Volksgemeinschaft*), mobilizada pelo conceito nazista de “unificação” (*Gleichschaltung*), como estratégias de sustentação do Terceiro Reich a partir de uma “comunidade nacional”. Mas não desenvolveremos esse ponto a partir daqui, que já aponta um estágio posterior dos acontecimentos, posterior ao recorte delimitado nesta pesquisa.

¹⁶ Em seu livro de memórias, Albert Speer (1975) conta que durante a fase inicial dos bombardeios soviéticos sobre Berlim, no fim da guerra, ele se deslocou para uma região mais elevada que, a certa distância, proporcionava boa visão do efeito dos obuses, o que nos faz lembrar o argumento do documentário “Arquitetura da destruição”, de Peter Cohen (de 1989), quando situa o movimento estético da “doutrina das ruínas”: da “beleza” das ruínas formadas pela destruição de prédios monumentais, revelando seus blocos de pedra e ferragens retorcidas. Estética do mórbido e da morte, que se realizou inteiramente no rastro continental de destruição, proporcionada pela guerra.

¹⁷ Aproveitando a inspiração teológica do conceito por Weber, esta ação sobre as massas teria criado uma religião? O Nazismo seria uma religião? Segundo Evans (2011), “Ao longo dos anos, muitos observadores viram no Nazismo uma espécie de religião política. O uso de linguagem, ritual e simbolismo religiosos, o dogma inquestionável e inalterável, a veneração de Hitler como um messias que veio redimir o povo alemão da fraqueza, degeneração, e corrupção, a demonização do judeu como inimigo universal, a promessa de que o indivíduo, atormentado pela dúvida e desespero no rastro da derrota de 1918, renasceria em uma nova e resplandecente coletividade de fiéis – tudo isso tinha uma forte semelhança com uma religião despojada de elementos sobrenaturais e aplicada ao mundo em que as pessoas realmente viviam. [...] ‘Certa vez vocês ouviram a voz de um homem’, disse Hitler em 1936, ‘e aquela voz tocou seu coração, despertou vocês, e vocês seguiram a voz’. É evidente que boa parte disso foi calculada para levar as pessoas desorientadas a buscar uma solução para os problemas terríveis que confrontavam nos tempos caóticos em que viviam. [...] Mas é preciso ser cuidadoso em não levar a metáfora religiosa longe demais. [...] O Nazismo como ideologia não era uma religião, não apenas porque Hitler disse que não era, ou porque não tinha nada a dizer sobre o além mundo, ou a eternidade, ou a alma imortal, como fazem todas as religiões, mas, o que é mais importante, também porque era incoerente demais para sê-lo. [...] O uso de símbolos e rituais quase religiosos pelo Nazismo foi bem real, mas na maior parte tratava-se de uma questão de estilo, não de substância” (EVANS, 2011, p. 301-3).

5 CONSIDRAÇÕES FINAIS

A ascensão do carisma tem que ser bem observada em seu contexto de surgimento e este tem que ser muito bem delimitado no que se refere à sua influência, sob risco de personalizar os acontecimentos, exagerando o papel do indivíduo na história. Isso é válido para o exagero do elemento carismático em exame que, se mal conduzido, pode levar a um psicologismo. Como apontam Gerth e Wright Mills, o carisma em Weber é oriundo do liberalismo, que sempre enfrentou dicotomias semelhantes, como massa *versus* personalidade, o que pode influir no entendimento deste processo, como aquela “Filosofia da História que, depois de Carlyle, influenciou boa parte dos escritos históricos do século XIX” (GERTH; WRIGHT MILLS, 1974, p. 71). Há, portanto, continuam os autores, o perigo do indivíduo monumentalizado tornar-se soberano na História, quando o líder carismático passa a ser tomado pelo conceito de “gênio” do Renascimento. Esse pode ser um engano na interpretação de Weber, que via a irracionalidade no conceito de personalidade, combatendo este elo do Romantismo alemão. Neste sentido, trata-se de apreender o que se conservou da atuação do indivíduo na História: “Não Júlio César, mas o cesarismo; não Calvino, mas o calvinismo é a preocupação de Weber” (Ibid., p. 73).

Além disso, o carisma é um elemento dentre uma infinidade de outros. Não é demais destacar: a ascensão do Terceiro Reich foi um evento de poder pautado no ultimato, repressão, medo e violência, a par do possível impulso da propaganda e do carisma. Apesar destas ponderações, o quadro teórico de Weber aqui apresentado é inteiramente adequado para compreender o papel específico de Hitler, particularmente a natureza de sua ação diante da sociedade alemã: esta natureza é definida pelo magnetismo de sua dominação legítima, e ela é carismática¹⁸. Aqui, a contribuição de Weber é central. Por outro lado, uma vez apresentada a adequação histórica, nos parece importante apontá-la como um ganho teórico, pois a análise histórica aponta um retorno à sociologia política de Weber, particularmente àquela da dominação carismática, permitindo uma resposta à pergunta a respeito de quais são os tipos de individualidades históricas para os quais ela é destinada. Poucos são os cenários históricos posteriores a Weber que demonstram tamanha adequação e poucos são os indivíduos que, como Hitler, incorporaram

¹⁸ É por esta razão que durante o início da década de 1930 foi estabelecida uma “comunidade emocional” relativamente duradoura, que também se desdobrou como ações reativas de massa, visível na histeria dos grandes eventos. Quem se opôs a essa comunidade ou não estava destinado a ela, acabou nos campos de concentração ou sob a ação dos *Einsatzgruppen* da SS durante a guerra no leste. Porém, depois de 1941, a ilusão foi de desfazendo e os alemães foram caindo no abismo, junto com o continente europeu. Cumpre não nos esquecermos desse grande episódio do horror. Em memória de suas vítimas.

tamanhamente, talvez de forma completa no que se refere ao tipo puro, a figuração de um líder carismático.

REFERÊNCIAS

BENDIX, Reinhard. **Max Weber**. Um perfil intelectual. Brasília, Editora UNB, 1986

BERNARDO, João. **Labirintos do Fascismo**. Na encruzilhada da ordem e da revolta. [s.n.], 2015, 2ª ed. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/diversos/labirintos-do-fascismo.pdf>. Acesso em 04 de junho de 2020.

EBERLE, Henrik. **Cartas para Hitler**. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2010.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

EVANS, Richard. **O Terceiro Reich no poder**. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2011.

EVANS, Richard. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2008.

GERTH, Hans.; WRIGHT MILLS, Charles. Introdução. O homem e sua obra. *In: Max Weber*. Ensaios de Sociologia. São Paulo, Zahar, 1974.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

MOMMSEN, Wolfgang. **Max Weber and german politics**. 1890 – 1920. Chicago, The University of Chicago, 1984.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

RINGER, Fritz. **Max Weber**. An intellectual biography. Chicago. The University of Chicago, 2004.

ROTH, Guenther. Weber the Would-Be Englishman. *In: Weber's Protestant Ethic*. Origin, Evidence, Contexts. Cambridge University Press, 1993.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **El desencantamiento del mundo**. Seis estudios sobre Max Weber. México, FCE, 2017.

SELL, Carlos Eduardo. Poder instituído e potência subversiva. Max Weber e a dupla face da dominação carismática. **Revista brasileira de ciências sociais** - vol. 33 N° 98, p. 1-



16, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092018000300509&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 04 de junho de 2020.

SPEER, Albert. **Por dentro do III Reich**. São Paulo, Círculo do livro, 1975.

TRAGTENBERG, Maurício. Atualidade de Max Weber. *In: Max Weber*. Metodologia das Ciências Sociais. Campinas, Cortez, 2001, Parte I.

WEBER, Max. **Wirtschaft und Gesellschaft**. Grundriss der verstehenden Soziologie. Tübingen, Mohr, 1980.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Fundamentos da Sociologia Compreensiva. 4ª ed. Brasília, Editora UNB, 2009, vol.I.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Fundamentos da Sociologia Compreensiva. 4ª ed. Brasília, Editora UNB, 2009b, vol. II.

WEBER, Max. O Estado nacional e a política econômica. *In: Weber*. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo, Ática, 1999.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

A sociologia política de Max Weber na interpretação do nazismo

Lucas Cid Gigante

Doutor em Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP, Brasil.

Professor Associado da Universidade Federal de Alfenas, Departamento de Ciências Humanas, Alfenas - MG, Brasil.

lucas.gigante@unifal-mg.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Em Tese os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional (CC BY). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 27/06/2020.

Aprovado em: 09/12/2020.

